

A natureza que sobe pelas paredes



Como tornar os grandes centros metropolitanos mais verdes?
O botânico francês Patrick Blanc cria jardins verticais
que lhe rendem admiração internacional



A fachada de 1.200 metros quadrados do Museu de Etnologia, em Paris: ali crescem bem mais de 100 tipos e espécies de plantas

Paris, Musée du quai Branly, na margem esquerda do rio Sena. Todos os dias, esse local atrai centenas de pessoas que ficam paradas, olhando fixamente para a parede com as cabeças inclinadas para trás. De manhã até a noite, ouvem-se o clique dos disparadores de máquinas fotográficas e o zoom de câmeras de vídeo. Muitos desses visitantes nunca entraram no esplêndido Museu de Etnologia, projetado pelo arquiteto francês Jean Nouvel. Eles vêm para apreciar a fantástica parede verdejante do edifício, que recentemente se tornou uma das fachadas mais fotografadas da capital francesa.

Como é possível roubar tão gloriosamente a cena de arquitetos e museus mundialmente famosos? A receita é simples: com uma armação de metal, uma folha de PVC, duas camadas de feltro de poliamida e um esboço feito à mão, cheio de formas labirínticas e nomes científicos de plantas. O resto fica por conta de uma equipe de jardineiros munida de mudas e sementes, estiletes para tapetes, grampeadores e cola.

E para que tudo isso funcione é preciso chamar-se Patrick Blanc. O botânico parisiense, de 58 anos, já criou 160 desses jardins verticais no mundo; quase todos em grandes metrópoles, bem no meio da poluição gerada por escapamentos mal regulados, de prédios de concreto e multidões humanas. Mas seus jardins também enfeitam salas de concertos, hotéis e butiques de designers.

Terra? Um mito supervalorizado

Visita domiciliar. É um dia frio e cinzento de outono em Paris e, no subúrbio de Ivry-sur-Seine, tem-se a impressão de ter errado de endereço. Este é um antigo bairro operário, com um robusto charme multicultural: café karaokê, central de expedição de mercadorias, um fast-food árabe. Em meio a casas timidamente renovadas na Rue de Châteaudun, destaca-se um edifício degradado, com janelas pregadas com tábuas.

O homem que abre o portão tem um tufo de cabelos esverdeados, usa uma camisa estampada com folhas verdes e tem un-

has de vários centímetros de comprimento – o dr. Patrick Blanc é seu próprio cartão de visitas, e sua casa um centro experimental, pois atrás do portão se descortina uma selva.

Um pátio, cujo muro com a casa adjacente desapareceu sob enormes folhas de orelhas-de-elefante ou inhames-gigantes, folhas serrilhadas de fátias ou aralias-japonesas, e delicadas folhas de urtigas-mansas ou folhas-de-santana. Bem em cima, acenam graciosas folhas de íris-japonesas, e as figueiras parecem querer atingir o céu.

Patrick Blanc, que, apesar da estação fria, está de shorts e chinelos, explica o princípio que constitui a base de todas as suas paredes verdes: “A terra é um mito supervalorizado. Muitas plantas não necessitam de solo. Elas se enraízam perfeitamente bem em um feltro de poliamida, desde que obtenham diariamente cinco litros de água por metro quadrado.”

No quintal de Blanc, a pessoa anda, senta e caminha sobre a água. Há dois anos, ele e seu amigo compraram o pequeno complexo industrial “e a primeira coisa que fizemos foi mandar escavar um buraco de meio metro, que transformamos em um tanque de água de 20 mil litros. Eu sempre sonhei em ter um aquário ‘contornável’”, diz ele. Agora, cerca de mil peixes nadam aqui em águas temperadas entre seu escritório e o pátio. Do lado de fora, o mega-aquário está parcialmente coberto com pranchas de madeira, mas sua parte interna é revestida com vidro inquebrável – de modo que Blanc pode ficar sentando diante de seu computador, observando os cardumes de cores audaciosas chispando irrequietos bem embaixo de seus pés.

Atrás da escrivaninha, prolifera uma selva interna – composta de belas folhagens tropicais que em parte viveram uma existência insignificante na casa de Blanc há 30 anos. Nessa pintura viva – como se fosse uma tela ingênua de Henri Rousseau – dezenas de pequenas aves coloridas revoam animadas, catando pequenos insetos. “Bicos-de-lacre e olhos-brancos”, explica Blanc, “são apaixonados comedores de pragas e substituem graciosamente os inseticidas.” Além disso, o aquário fornece uma água naturalmente fertilizada para alimentar suas plantas.

Patrick Blanc criou seu próprio paraíso em um lugar improvável do subúrbio parisiense – e com isso o botânico não quer dizer um clichê “decô”, mas um método. “O Jardim do Éden já me fascinava quando eu era criança, porque ele florescia sem nenhuma intervenção humana. O paraíso era, exatamente como a selva, um sistema autossustentado de plantas e animais. A história bíblica do pecado original, depois do qual o homem teve que trabalhar com o suor do seu rosto, me agradava menos ainda.”

Quando alguém o chama de jardineiro, Blanc revira os olhos. Ele admite abertamente que despreza os jardins comuns e que também não sabe o que fazer como os chamados “idílios campestres” – uma “pseudo-natureza”, como diz ele. “Jardins e parques me entediam, porque me sinto obrigado a seguir caminhos e olhar de perspectivas que outra pessoa bem-intencionada delineou para mim. Além disso, os milhões de moradores das modernas metrópoles nem têm tempo para se deslocar propositalmente até lá. É muito mais contemporâneo se eles, ao saírem de um túnel do metrô, são cumprimentados por um paredão verde.”

Não são apenas obras-primas de arquitetos famosos, mas também construções comuns que Blanc elevou ao status de atrações com seus artísticos painéis verdes: ele “decorou” uma estação de metrô em Tbilisi (antiga Tiflis), na República da Geórgia, e uma ponte de concreto perto de Aix-en-Provence; além de centros comerciais, garagens de estacionamento e repartições públicas, bem como o decadente mercado municipal de Avignon e a desagradável Rue d’Alsace, em Paris, no bairro da estação ferroviária.

Quando criança, Blanc gastava toda a sua mesada em seu brinquedo favorito, o aquário. Ele trocava alevinos (peixinhos em estágio embrionário) com Philippe Vallette, um garoto do bairro, e, juntos, os dois tentavam soletrar e decifrar revistas estrangeiras especializadas. “Aos 15 anos, li na DATZ alguma coisa sobre como manter a água do aquário limpa por meio de raízes de plantas de interior. Embora eu já soubesse muitas coisas sobre o efeito de filtragem de plantas aquáticas, eu jamais teria pensado

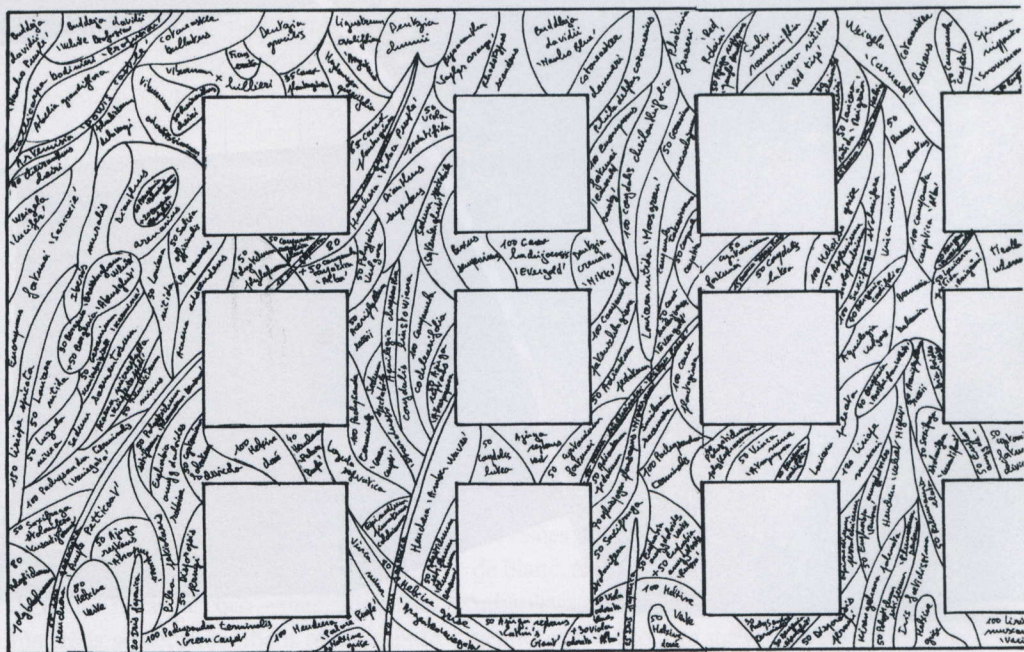
aiço
o pa-
quer
"O
o eu
nen-
era,
autos-
ória
ual o
r do

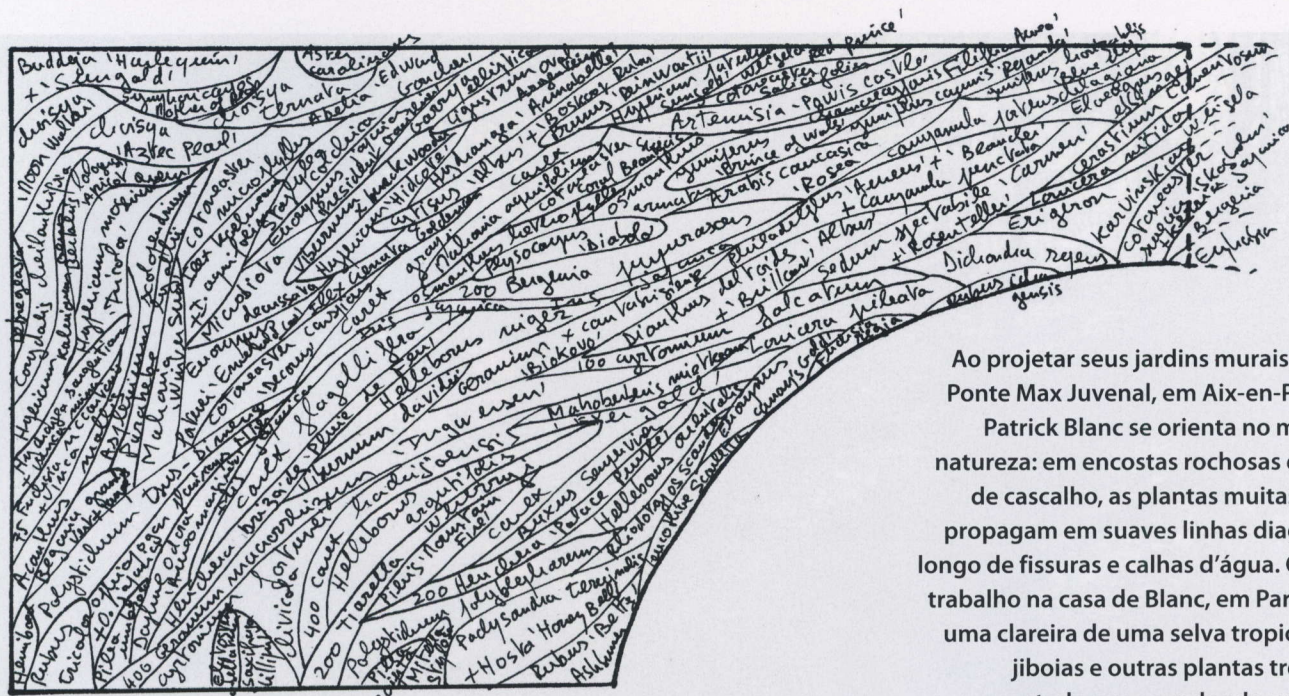
neiro,
perta-
e que
cha-
eudo-
ques
do a
s que
neou
e mo-
a têm
te até
es, ao
mpri-

arqui-
es co-
ações
deco-
si (an-
uma
-Pro-
agens
plicas,
micipal
alsace,
viária.
oda a
rito, o
inhos
ilippe
os, os
tas es-
li na
nter a
zes de
besse
em de
nsado



A busca de plantas adequadas para seus jardins verticais sempre leva Blanc à natureza selvagem – por exemplo, para a Reserva Natural de Bukit Timah, em Cingapura. Para cultivar as paredes do Musée du quai Branly (o Museu de Etnologia) ele selecionou, entre mais de 10.000 fotos, espécies que se desenvolvem bem em uma fachada norte exposta a ventos constantes. Seus projetos sempre são meticulosamente desenhados à mão com os respectivos nomes das plantas





Ao projetar seus jardins murais – aqui na Ponte Max Juvenal, em Aix-en-Provence – Patrick Blanc se orienta no modelo da natureza: em encostas rochosas e declives de cascalho, as plantas muitas vezes se propagam em suaves linhas diagonais ao longo de fissuras e calhas d'água. O local de trabalho na casa de Blanc, em Paris, parece uma clareira de uma selva tropical: imbés, jiboias e outras plantas tropicais se entrelaçam ao redor de um aquário





que isso também podia funcionar com as chamadas 'plantas normais'. Portanto, ele cortou pequenas estacas do imbé (também conhecido por filodendro) de sua mãe e as colocou dentro do cartucho do filtro. Em pouco tempo, elas desenvolveram belas raízes entre as quais os peixes brincavam de esconde-esconde.

Foi quando lhe ocorreu que tudo o que lhe tinham ensinado na escola e na igreja sobre a terra nutritiva precisaria ser reexaminado sob uma nova perspectiva. "Eu disse adeus à água e me aprofundei na misteriosa vida das plantas." Mas seu amigo de infância manteve-se fiel aos peixes: atualmente Philippe Vallette é diretor do aquário marinho nacional Nausicaá, em Boulogne-sur-Mer. Entre o estalo decisivo em seu quarto de adolescente e a construção das primeiras paredes verdes, passaram-se muitos anos de aprendizado e incontáveis horas de experimentação artesanal. Patrick Blanc estudou biologia. Aos 19 anos, ele realizou sua primeira viagem de pesquisa – à floresta úmida do Parque Nacional Khao Yai, na Tailândia. A riqueza da flora o arrebatou; mas o foco de seu maior interesse não eram as árvores gigantescas e sim a diversidade de epífitos (plantas que vivem sobre outro vegetal, usando-o apenas como suporte, sem retirar nutrição, como bromélias e orquídeas) e a fantástica e intrincada vegetação rasteira.

De lá em diante, ele viajava durante as férias semestrais para visitar florestas primárias (matas virgens). Isso custava muito dinheiro. Para complementar seu orçamento, o estudante vendia peixes orna-

mentais aos sábados na loja de departamentos Samaritaine – e frequentemente gastava o que ganhava na mesma noite, no lendário Cabaré Alcazar. Até hoje Blanc se sente tão seguro nas boates e nos bares da selva urbana como no crepúsculo das florestas tropicais: "Ali dentro é exatamente tão abafado, úmido e protegido, e igualmente povoado por criaturas estranhas e talentosas."

Blanc se formou aos 25 anos e, logo em seguida, escreveu sua tese de doutorado sobre a vegetação rasteira em florestas tropicais – que sobrevive com apenas um por cento de luz solar. As pesquisas que fez para sua tese lhe são úteis até hoje: quando ele cultiva paredes cujas bases estão permanentemente mergulhadas na sombra.

Selva cultivada sobre fibra sintética – e, a pedido, também resistente à geada

No apartamento estudantil de Blanc, as mudas de imbé ganharam novas companhias e logo uma minisselva criou raízes em uma placa de madeira de dois metros de comprimento, apoiada diagonalmente sobre o aquário. Suas primeiras experiências com paredes verdes foram laboriosas. Ora a estrutura de madeira apodrecida ruía, ora uma mangueira defeituosa de irrigação provocava uma inundação. Blanc fez experimentos com diversos tipos de materiais para manter seu "canteiro" saudável – panos de limpeza de algodão, musgos, fibra de lã de rocha, fibras de coco – mas todos esses materiais se decompunham muito rápido.

"Só em 1977, finalmente me libertei da ideia de que a base de sustentação das plantas tinha que ser orgânica. Isso não foi fácil para mim como botânico, mas provou ser o proverbial 'ovo de Colombo.'" (uma referência a soluções muito difíceis que, quando reveladas, se mostram óbvias e simples).

Blanc passou a plantar em mantas geotêxteis sintéticas, como as que são usadas em viveiros para cobrir as plantas, e colocava as raízes nuas entre duas camadas de feltro, sem nenhum substrato (camada de terra que fica abaixo do solo superficial). Ele tinha observado em suas viagens de pesquisa que milhares de plantas que nascem sobre rochas, penhascos e carste (ou carso) necessitam apenas de água e uma camada de húmus de poucos milímetros de espessura para se manterem vivas.

A selva vertical de Blanc cresceu maravilhosamente bem em fibra sintética e mostrou ser de fácil manutenção. Por precaução, ele requereu uma patente para sua invenção, e finalmente a obteve em 1988. Ainda assim, ele estava longe de pensar que seu hobby algum dia poderia gerar um furor internacional.

Em 1989, ele se habilitou. Até então, ele vinha se dedicando exclusivamente a plantas tropicais. "Mas certo dia, durante a construção de um edifício com uma horrosa fachada de concreto bem na frente da janela de minha sala, me dei conta de que eu precisaria começar a pensar sobre paredes sempre verdes, resistentes a geadas." Foi então que Blanc se aprofundou no estudo da flora das latitudes temperadas.

Sua primeira parede verde ao ar livre nasceu em 1991. Dois anos depois, ela foi inspecionada por um amigo seu – o paisagista Eric Ossart, um dos organizadores do Festival Internacional de Paisagismo em Chaumont-sur-Loire. Ossart insistiu que Blanc cultivasse um jardim vertical para a mostra de 1994. O festival mais exigente e ambicioso do continente não se ocupa tanto com plantas floríferas do que com grandiosas visões verdes. Chaumont mudou a vida de Blanc. Arquitetos, diretores de museus e urbanistas contrataram os serviços do engenhoso botânico com sua veia artística, e a

mídia considerava o guru das plantas, com seu cabelo verde, fabulosamente fotogênico.

Originalmente, porém, a cabeleira verde não tinha nada a ver com a botânica – nem com o poeta Charles-Pierre Baudelaire, que tingiu seus cabelos de verde por amor ao absinto. A cor do cabelo de Blanc tem a ver com o amor: “Quando conheci o homem da minha vida, há 25 anos, decidimos tingir nossos cabelos só de brincadeira. Pascal escolheu azul e eu, verde. Depois de um mês, Pascal se cansou da excentricidade; mas eu mantive a minha cor.” As unhas de Blanc já são outra história: desde os 12 anos, ele as mantém em um comprimento de 5 centímetros. “É uma homenagem à Édith Piaf”, explica ele e acrescenta “e eu decididamente gosto de poder decidir quem ou o que eu realmente quero tocar com minha mão e do que ou de quem prefiro manter distância.”

Pascal Héní é músico e, como “Pascal de Bollywood”, como Blanc o apresenta, “provavelmente o francês mais famoso na Índia.” Isso porque Héní domina com tamanha perfeição os idiomas hindi e bengali que realizou uma turnê brilhante pela Índia. Ele sabe até cantar “La vie en rose” (canção francesa que se tornou mundialmente conhecida na voz de Édith Piaf, considerada por muitos a maior cantora francesa de todos os tempos) em hindi. Blanc, por sua vez, aparece no YouTube cantando a sua favorita “Nur nicht aus Liebe weinen”, de Zarah Leander (1939). Ela foi uma atriz e cantora sueca que teve imenso êxito na Europa pré e pós-guerra.

Os dois parecem duas aves-do-paraíso, charmosos, encantadores, simbióticos: o “trovador” acompanha o cientista em quase todas as suas viagens, e o botânico escreve letras de músicas para o cantor, como “Un peu de botanique” ou “Idylle chlorophyllienne” (“Um pouco de botânica” ou “Idílio clorofiliano”).

O deserto floresce – com água do ar-condicionado

Reencontro em Cingapura. Blanc já está envolvido há alguns anos em um ciclo cada vez mais agitado de congressos. “A ecologia é o ornamento do século 21”, disse o arquiteto Rem Koolhaas, e “o verdecer urbano é

um segmento florescente, que oscila entre o orgânico e a arte arquitetônica.”

Quatrocentos participantes de 25 países compareceram ao congresso “Skyrise Greenery” (algo como “O verdejar de arranha-céus”), em Cingapura. O tema se referia à situação das megacidades que cresceram rápido demais e nas quais não há mais espaço para parques. A arborização e o plantio de outras plantas nos telhados de arranha-céus e também em suas fachadas pareciam ser uma solução.

Ao contrário de muitos outros botânicos e paisagistas, o dr. Blanc não ficou usando palavras como sustentabilidade, ecologia, mudança climática. Ele abriu a sua “caixa de surpresas” com uma apresentação de slides de suas criações e conduziu o público ao redor do mundo – do centro comercial de Bancoc ao Parlamento em Bruxelas, e explicou por que foi capaz de chegar muito mais longe do que a concorrência: em sua técnica patenteada, um metro quadrado de material de germinação pesa apenas três quilos – inclusive quando úmido –, em outros tipos de procedimentos, o peso chega a, no mínimo, 20 quilos.

Já faz tempo que Blanc não é mais apenas o homem responsável por paredes verdes. Para realizar seus dois megaprojetos mais recentes – no Museu de Arte de Miami, projetado pela firma de arquitetura Herzog e de Meuron, e em um shopping center de 65 mil metros quadrados em Dubai – ele trocou a verticalidade pela horizontalidade: os esboços mostram imensos jardins suspensos, como um céu de plantas arcado sobre as zonas de pedestres. Enquanto falava, Blanc explicou a ambientalistas céticos que as nuvens floridas no deserto celeste seriam irrigadas com água reciclada dos sistemas de ar-condicionado e concluiu sua apresentação dizendo: “Se fizerem tudo direito, vocês poderão utilizar a natureza em qualquer lugar.”

Quem navega pelo magnífico site de Blanc e vê que quase todos os meses ele cria um painel de plantas em algum lugar do mundo, imagina que por trás de tudo isso deve existir um grande escritório de paisagismo. Mas o botânico é um solista que desenha cada novo plano de plantio carinhosamente à mão. Antes disso, porém, ele

visita o objeto carente de um embelezamento e verifica como é o clima local. Em seguida ele consulta seus arquivos. Um deles consiste em mais de 10 mil fotos tiradas em suas expedições; o outro está guardado em sua cabeça: Blanc é capaz de recitar quase automaticamente e em latim milhares de nomes de plantas adequadas para lugares ensolarados, frios ou tropicais.

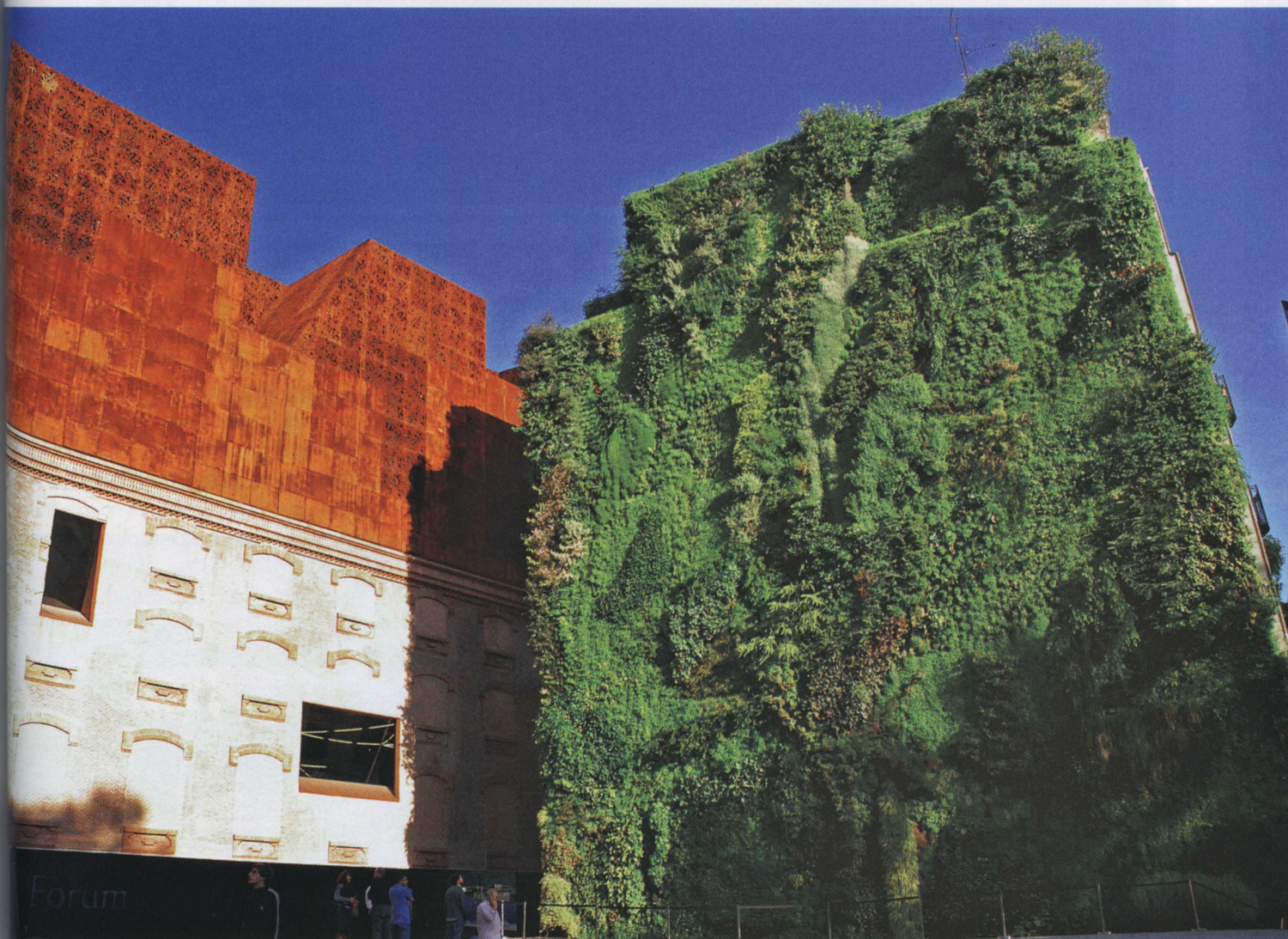
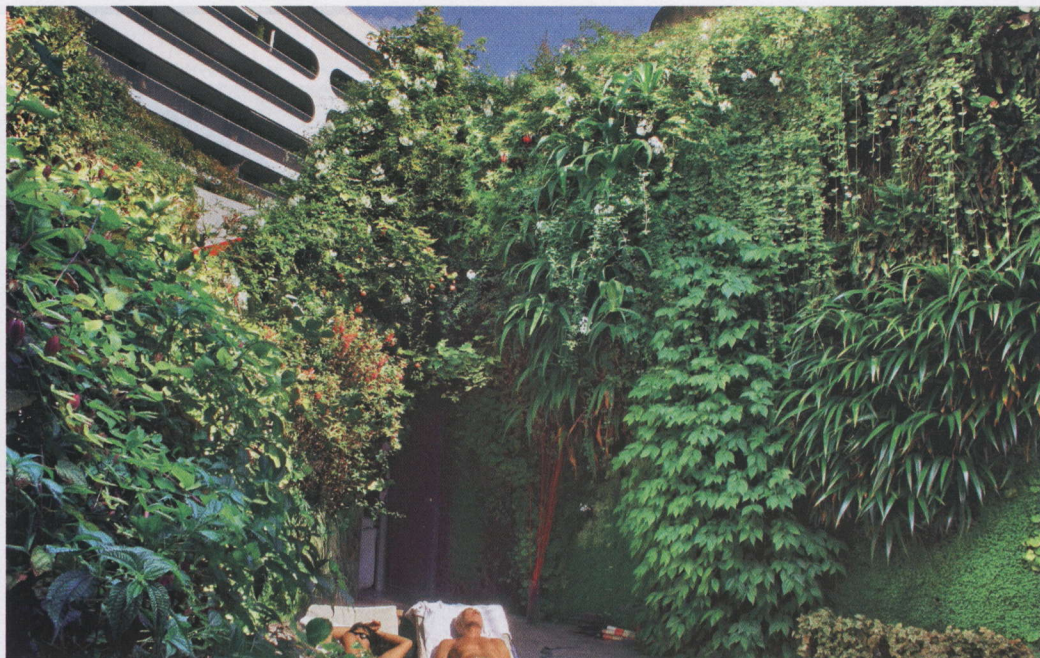
É com esses dados que ele prepara seus esboços. Uma característica de muitos projetos seus são as dinâmicas linhas diagonais: depois de uns 2 ou 3 anos, parece que a obra vegetal recebeu uma chuva de flores e folhagens a partir do canto superior direito. Até suas obras menores exibem no mínimo 100 espécies diferentes – inclusive porque essa biodiversidade ajuda a controlar a proliferação de pragas e doenças.

Nenhum de seus trabalhos é semelhante a outros, porque Blanc sempre estabelece uma estreita relação com o edifício ou a obra em questão: as diagonais em vermelho-ferrugem do jardim vertical do Museu Caixa Forum, em Madri, por exemplo, refletem o moderno cubo de metal enferrujado. Em Kanazawa, no Japão, ele coletou sementes de plantas e ervas silvestres perto do Museu de Arte Contemporânea, plantando-as para criar um contraste com a flora escolhida para o painel – o efeito foi tão nobre que os japoneses não reconheceram mais as suas próprias ervas daninhas. E para a autora de um livro de culinária na Bretanha, Blanc compôs um jardim de ervas aromáticas e especiarias na parede de sua casa.

Matthias Jenny, diretor do Jardim das Palmeiras, em Frankfurt am Main, na Alemanha, tem planos ousados para Blanc: ele quer que o botânico lhe crie o mais longo jardim vertical do mundo – uma cerca de 600 metros de comprimento em torno do jardim de palmeiras, plantada dentro e fora com “composés” de plantas.

Por que todos em Frankfurt concordam que só Patrick Blanc poderia ser levado em consideração para realizar a obra botânica do século? Matthias Jenny, que também é botânico, responde: “Porque em Blanc as pessoas sentem que ele não usa plantas como decoração, mas que ele as entende.” ■

"Para ter uma experiência com plantas é preciso tocá-las", diz Blanc. Embora alguns de seus projetos só permitam um acesso limitado – como o ambiente tropical no exclusivo Ken Club, em Paris –, a maioria de suas obras ao ar livre, como a parede do Museu Caixa Forum, em Madri, na Espanha, pode ser apreciada e muitas vezes também tocada por qualquer pessoa



Forum